
MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: entre enunciados teóricos e práticas construídas

*Mediación pedagógica en la educación a distancia: entre
enunciados teóricos y prácticas construídas*

**Alba Regina Battisti de Souza^a, Ademilde Silveira Sartori^b,
Jucimara Roesler^c**

^a Doutora em Engenharia de Produção, Diretora de Extensão do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, SC - Brasil, e-mail: albare22@hotmail.com

^b Doutora em Ciências da Comunicação, Coordenadora da UDESC Virtual do Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina Santa, Catarina, SC - Brasil, e-mail: psartori@virtual.udesc.br / ademilde@matrix.com.br

^c Doutoranda em Comunicação Social, coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Metodologia da Educação a Distância e Diretora Adjunta da Unisul Virtual, Palhoça, SC - Brasil, e-mail: jucimara@unisul.br

Resumo

Neste artigo, analisa-se o processo de mobilização e construção de saberes docentes de professores/as que atuam na Educação a Distância (EaD), tendo como foco o processo de mediação pedagógica. Trata-se de um estudo pautado em pressupostos contemporâneos sobre a constituição dos saberes docentes, em especial nas áreas de educação e comunicação. Na EaD, o distanciamento físico sempre exigiu recursos e estratégias didáticas e comunicativas diferentes dos convencionais. Com a inserção das tecnologias digitais de comunicação e o desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem, a função mediadora do professor tomou um forte impulso, provocado pelas possibilidades e também pelas

exigências da configuração desse novo “espaço”. Como os/as professores/as desenvolvem essa atitude mediadora na EaD? Como lidam com os alunos, uma vez que não podem intervir presencialmente? Qual o papel das tecnologias de informação e da comunicação (TIC) nesta mediação? Como utilizar as TIC de modo a potencializar esta mediação? Assim, por meio dessas perguntas, aborda-se a mediação pedagógica, levantando dilemas e apontando perspectivas e possibilidades na EaD, procurando contribuir com a formação e atuação docente na modalidade.

Palavras-chave: Mediação pedagógica; Educação à distância; Educação e comunicação.

Resumen

En este artículo se analiza el proceso de movilización y construcción del saber docente de profesores que actúan en la enseñanza a distancia (EaD), focalizando el proceso de mediación pedagógica. Se trata de un estudio pautado en presupuestos contemporáneos sobre la constitución del saber docente, especialmente en las áreas de educación y comunicación. En la EaD el distanciamiento físico exige recursos y estrategias didácticas y comunicativas diferentes de las convencionales. Con la inserción de las tecnologías digitales de la comunicación en la EaD y el desarrollo de ambientes virtuales de aprendizaje, la función mediadora del profesor tomó un fuerte impulso debido a las posibilidades y también a las exigencias de configuración de ese nuevo ‘espacio’. ¿Cómo los profesores desarrollan esa actitud mediadora en la EaD? ¿Cómo lidian con los alumnos sin poder intervenir presencialmente? ¿Cuál es el papel de las tecnologías de información y de la comunicación (TICs) en esta mediación? ¿Cómo utilizar las TICs para potencializar esta mediación? A través de estas preguntas y con base en los estudios realizados, se aborda la mediación pedagógica, sugiriendo posibilidades y perspectivas en la EaD, intentando contribuir con la formación y actuación docente en esta modalidad.

Palabras-clave: *Mediación pedagógica; Educación a distancia; Educación y comunicación.*

As situações com as quais o educador se depara são únicas, não existe um caso-problema para cada conhecimento profissional (GÓMEZ, 1997), o que faz com que não possam ser resumidas à mera aplicação de regras e procedimentos já consagrados. Na prática cotidiana, o educador compara e constrói novas estratégias de ação, novas perspectivas de pesquisa, novas teorias e novos modos de reconhecer e enfrentar os problemas, indo além das regras, fatos, procedimentos e teorias estabelecidas pela investigação científica.

Para Perrenoud (2001), o professor está constantemente diante de urgências e incertezas. A urgência refere-se à necessidade de compreender a dinamicidade de um sistema complexo, no qual o docente tem que agir, tomar decisões e fazer encaminhamentos, cujos resultados são marcados por incertezas.

As indagações vivenciadas pelos/as professores/as e pesquisadores/as acerca dos saberes docentes também permeiam as práticas pedagógicas na Educação a Distância, porém com alguns elementos peculiares: o/a professor/a depara-se com situações, em geral, não vivenciadas anteriormente como aluno, pois grande parte se formou no ensino presencial; confronta-se com tempos e espaços organizados de uma forma diferente; estabelece um contato com os alunos sem contar com os olhares e gestos e, em várias situações, sem ter uma reação imediata sobre o que foi apresentado e proposto. Estes elementos implicam em um conjunto de saberes didático-pedagógicos “novos”, que, em muitos casos, colocam em xeque encaminhamentos dados para situações presenciais.

Kenski (2003, p. 143) faz um relato como professora de cursos a distância e expõe suas percepções em ambientes virtuais e na sala de aula fisicamente demarcada:

Tenho a compreensão de que não somos profissionalmente diferentes apenas porque estamos em um novo ambiente, seja ele presencial ou não. Em princípio, somos sempre os mesmos profissionais, professores. Mas o paradoxo básico é de que ‘o novo professor’, que os autores listam com uma multiplicidade de papéis, precisa agir e ser diferente no ambiente virtual. Essa necessidade se dá pela própria especificidade de ciberespaço, que possibilita novas formas, novos espaços e novos tempos para o ensino, a interação e a comunicação entre todos.

O controle sobre os alunos declina, em vez de ritos de transmissão, cria-se uma rede de interconexão, tecida em vínculos que sustentam os contatos entre as pessoas. Desinstalar-se de um processo de ensino pautado exclusivamente numa relação presencial, cujos olhares, gestos e palavras ecoam e provocam atitudes

visíveis, reações imediatas, e passar a “olhar” o aluno através do computador, do material impresso ou de outras mídias, é uma constante na EaD e nessas vivências novos caminhos, novos saberes vão sendo construídos.

Nesse sentido, abordamos neste artigo a docência na EaD na perspectiva do papel mediador das tecnologias de informação e da comunicação (TIC). A intenção é refletir sobre a atitude mediadora docente com estudantes com os quais não se encontra fisicamente, levantando dilemas e apontando perspectivas e possibilidades na EaD, procurando contribuir com a formação e atuação docente na modalidade.

Práticas docentes mediadoras

O docente na atualidade não é mais definido como um repassador ou transmissor de conteúdos, mas como um mediador. Essa expressão, freqüente nos discursos pedagógicos, caracteriza as abordagens que se opõem à escola tradicional e à de caráter espontaneísta e se traduz didaticamente numa série de atitudes e procedimentos didáticos.

Para Masetto (2000), mediação pedagógica é a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um incentivador ou motivador da aprendizagem, como uma ponte rolante entre o aprendiz e a aprendizagem, destacando o diálogo, a troca de experiências, o debate e a proposição de situações.

Freire (2002, p. 134), em suas obras, aponta aspectos docentes, marcadamente mediadores, entre os quais se destaca:

[...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ser com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando*, como sujeito de aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar.

Segundo Perrenoud (2000), o educador é responsável por organizar e dirigir situações de aprendizagem, abandonando, assim, a velha fórmula de exercícios repetitivos, sem criatividade nem desafio para o educando.

Para Franciosi, Medeiros e Colla (2003), a ação do professor – como mediador – é transitiva e visa: colocar o pensamento do grupo em movimento; propor situações e atividades de conhecimento; provocar situações em que os interesses possam emergir; dispor objetos/elementos/situações; propor condições

para acesso a novos elementos, possibilitando a elaboração de respostas aos problemas; interagir com o sujeito; construir e percorrer caminhos, favorecendo a reconstrução das relações existentes entre o grupo e o objeto de conhecimento.

A prática docente mediadora tem um movimento de coordenação e, ao mesmo tempo, de descentralização. Para Veiga (2004), cabe ao professor produzir e orientar atividades didáticas, necessárias para que os alunos desenvolvam seu processo de aprender, auxiliando-os a sistematizar os processos de produção e assimilação de conhecimentos, coordenando, problematizando e instaurando o diálogo.

Na EaD, a mediação adquiriu papel de suma importância uma vez que o distanciamento físico sempre esteve a exigir recursos, estratégias, habilidades, competências e atitudes diferentes dos convencionais – pautados na exposição oral e no contato face a face. Com a inserção das tecnologias digitais de comunicação na EaD e o desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem, a função mediadora do professor tomou um forte impulso, pelas possibilidades e também pelas exigências da configuração desse novo “espaço”.

Em ambientes virtuais de aprendizagem, a mediação ocorre por meio de diversos dispositivos que viabilizam a comunicação, tanto síncrona como assíncrona, possibilitando a criação de diversas estratégias para favorecer o diálogo e a participação ativa dos estudantes (SARTORI; ROESLER, 2005). A utilização dos dispositivos de comunicação implica tanto na aquisição de habilidades e competências comunicativas por parte de todos, docentes e discentes, quanto uma preocupação maior com a criação de momentos de interação e de possibilidades concretas da execução de trabalhos colaborativos, com os quais a aprendizagem ocorre de modo participativo. Para isso, o docente conta com dispositivos de comunicação, como *chats*, fóruns, *blogs*, *videoblogs* entre outros, e necessita planejar como cada um deles e em que momento serão utilizados e preparar-se para atuar conforme as características e peculiaridades de cada dispositivo para que a mediação aconteça. Cada um destes dispositivos exige habilidades mediadoras diferenciadas e propiciam diferentes estratégias pedagógicas, que exigem participação em tempo real ou diferida, possibilitando a expressão, a intervenção e a colaboração para a construção coletiva do conhecimento.

O movimento mediador da prática docente na EaD

Souza (2005), em tese de doutorado, recorreu a entrevistas realizadas com 10 (dez) professores/as que atuam na EaD, que trataram sobre várias ações didáticas, dentre elas, como costumam desenvolver a mediação na modalidade.

Trechos das respostas são utilizados como ilustração para as discussões sobre a temática central do presente artigo e são apresentadas com uma designação ao final, com as letras PE (Professor/a Entrevistado/a) seguidas por um numeral.

O que os/as professores/as entendem por uma postura mediadora na EaD? Como lidam com os alunos, não podendo intervir presencialmente? O depoimento do/a professor/a apresentado a seguir dá uma idéia de como se organiza para desempenhar seu papel de docente:

O que difere mesmo é o olbo no olbo com o aluno. Essa é a maior diferença. Essa falta do olbo no olbo pode ser minimizada com a interação. Estar presente no ambiente de alguma maneira. O olbo no olbo... A substituição passa por aí. Estar presente no ambiente é como estar presente na sala de aula. Se tu dás uma disciplina em que tu apareces de quinze em quinze dias ela está fadada ao insucesso. (PE4).

Para Kenski (2003), essa “presença” é fundamental e os alunos a percebem pela atuação do/da professor/a no ambiente virtual. O envolvimento e a integração às atividades propostas por parte do/da professor/a estimula a participação de todos e colabora para a criação de um ambiente acolhedor que favorece o sentimento de pertença ao grupo (MAFESSOLI, 2003).

É importante frisar que mesmo no ensino presencial podemos ter professores distantes, ausentes, como se estivessem blindados, que não constroem uma relação pedagógica, não abrem espaço para uma aproximação com os alunos. Assim, podemos afirmar que uma das condições fundamentais para que haja uma ação pedagógica mediadora é um desejo mútuo de interação, entre professor e alunos. A abertura e a manutenção da interlocução que permeia uma interação dialógica são condições necessárias para uma prática pedagógica mediadora, pois, como nos ensina Paulo Freire (1979, p. 66), a “co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação”.

Em outro depoimento, o/a professor/a anterior entrevistado/a aponta o seguinte:

O aluno precisa saber que tu estás ali, tu precisas ser bem cuidadoso ao responder os e-mails, tem que se organizar... E eu me organizei de que forma? Tenho um dia para responder os e-mails e deixo claro isso para eles, durante a semana. Claro que, diante de uma emergência, eu também respondo antes, mas como uma forma de eu me organizar e eles também, a gente combina um dia de resposta de e-mails. Fora isso, estar sempre participando do grupo de discussão, colocando temas, lembrando filmes, fazendo associações. (PE4).

No processo de ensino na EaD, estipular algumas normas de interação e comunicação numa prática docente mediadora é fundamental. O depoimento do/a professor/a apresenta alguns indicativos construídos, quando expõe: “eu me organizei de que forma?”, no qual transparece seu movimento didático para resolver uma situação que se desdobra em muitas outras: ser docente em EaD.

Por outro lado, há uma expectativa com relação ao aluno; o/a professor/a também aguarda seus retornos e participações para poder intervir, como pode se observar nesse outro relato:

Essa mediação é feita a partir do que o aluno responde. Por que a gente não tem nem uma bola de cristal. Aquele aluno que não se manifesta no chat ou no fórum... Fica difícil você estar mediando algum tipo de conhecimento, se ele não se manifesta, é como o aluno presencial, por exemplo, que nunca fala, só escuta, escuta, escuta, e aí você pergunta: entendeu? É... Entendi. Nunca se sabe de fato se o aluno aprendeu ou não, né? Por que, por um lado, você também tem que respeitar, você não pode expor o aluno a situações constrangedoras. (PE8).

Esse depoimento também revela a preocupação com o acompanhamento da turma pelo/a professor/a, permeado por uma indagação comum: o aluno realmente aprendeu? Essa sensação é acentuada em EaD quando o aluno não se manifesta. Ao analisar esse depoimento, percebemos que o/a professor/a se refere a uma aprendizagem significativa, mais abrangente, nem sempre possível de se tornar visível nos instrumentos disponíveis.

A mediação tem como uma de suas bases a comunicação, porém o que vai caracterizá-la é o caráter das interações construídas. Nesse sentido, outros fatores se revelam, como, por exemplo, a afetividade.

Acho que quando tu consegues te comunicar rapidamente, pra mim. As ferramentas que a gente tem disponível hoje, que é o grande avanço na EaD, é poder estar conectado a toda hora, mas também penso que não é por que você está a distância, que vai estar prescindindo a afetividade. A afetividade para mim é muito importante, você criar vínculos, você chegar de manhã e dizer: oi gente, tudo bem? Está chovendo... Ou está não sei o quê. Você não deixa de ser gente na EaD. (PE2).

O vínculo sobre o qual o/a professor/a discorre pode ser um elemento impulsionador da aprendizagem na EaD. O/A aluno/a, ao se perceber como um agente importante no processo, em geral, demonstra mais motivação

para participar e desenvolver as atividades. Segundo Palloff e Pratt (2002), é abrir espaço recomendável em cursos *on-line* para questões pessoais, pois o contrário pode levar a um sentimento de solidão e isolamento não favorável.

Segundo Veiga (2004), a relação pedagógica é um encontro de pessoas, com seus desejos e aspirações, portanto, um conjunto de interações afetivas está sempre presentes. E estão presentes também no modo virtual.

Seguindo a reflexão de outro/a entrevistado/a, pode-se observar outras considerações sobre a mediação docente:

Uma outra atividade que eu tenho utilizado há muito tempo, no fórum, em que eles fazem pergunta e respondem as perguntas dos colegas, e eu entro mediando, eles adoram, elogiam um monte, que sai daquele papel de responder para perguntar, e eles dizem: - nossa, como é difícil perguntar! Coloca ele a perguntar, não deixa só ele responder, esse tipo de atividade, quando tu realmente desafias o aluno [...] Agora, é difícil pensar em atividade que desafia o aluno constantemente, não tem outro jeito, se tu queres envolvê-lo tens que desafiar. (PE2).

A partir da constatação da necessidade de mediação, o/a docente desenvolveu um papel de mediador/a intenso que permeou as interações dos e com os alunos. Percebe-se o sentimento de satisfação por ter os alunos envolvidos e, ao mesmo tempo, a “tensão” em ter que organizar atividades desafiadoras.

A situação descrita possibilita uma noção da complexidade e dinamicidade da docência, considerando a noção do movimento mediador que o/a professor/a constrói continuamente: análise constante do grupo, organização e reorganização de atividades, acompanhamento contínuo e intervenções paralelas. Agregada a isso, encontra-se a busca por desenvolver uma relação pautada no diálogo, respeito e construção coletiva.

Um outro depoimento demonstra a postura ativa e observadora, característica de uma ação docente mediadora:

Eu procuro fazer com que pensem sobre os conteúdos e temas em discussão. Faço várias perguntas via chat e e-mail. A partir das respostas, faço outras questões, mas sempre encaminhando em função do que está em pauta. (PE10).

O/A depoente enfatiza o que considera ser mediação: estar atento/a às ações dos alunos e, ao mesmo tempo, colocá-los em movimento, mobilizá-los em função dos temas a serem estudados.

Os depoimentos apresentados sobre como os docentes agem para ter uma postura mediadora expressam formas diferentes de percebê-la, porém não são díspares, se complementam, tal como se observa nos aspectos destacados: comunicação intensa e contínua, presença do docente no processo, relação baseada na afetividade, incentivo à reflexão por meio de questionamentos e desafios, entre outros.

As TIC e a mediação pedagógica na EaD

Sartori (2005) buscou aprofundar a reflexão sobre como o modo previsto para a interação entre docentes e discentes no desenho pedagógico de um curso a distância se relaciona com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. A pesquisa foi realizada com sujeitos profissionais de diferentes formações e que desenvolvem as mais variadas funções em projetos de EaD.

Entre os resultados obtidos, ressalta-se a existência de um grupo de profissionais preocupados com a interatividade como processo dialógico, de construção coletiva do conhecimento, que pode servir de indicador de projetos voltados para a colaboração e a participação; a total valorização do papel mediador dos docentes envolvidos em um processo educativo a distância; a caracterização do estudante como alguém com autonomia, participativo, responsável e colaborativo; e a integração de mídias como forma de potencializar a ação pedagógica da EaD e a necessidade de garantir seu acesso por parte da população. O papel de mediador do docente é salientado mediante a preocupação com a qualidade do processo educacional e a indicação da utilização de diversas mídias como agentes para incrementar a interação entre docentes e discentes e facilitar a atuação coletiva.

A EaD caracteriza-se por ser um processo composto por duas mediações: a mediação humana e a mediação tecnológica, imbricadas uma na outra. A primeira pelo sistema de tutoria, a segunda pelo sistema de comunicação que está a serviço da primeira para viabilizar a mediação pedagógica. A mediação pedagógica, resultante da concepção planejada entre estas duas mediações, é potencializada pela convergência digital que disponibiliza acesso e portabilidade por meio de dispositivos de comunicação síncrona e assíncrona cada vez mais integrados, velozes e potentes.

As tecnologias da comunicação utilizadas na EaD oferecem diversas linguagens que favorecem a aprendizagem. As linguagens oral, escrita, audiovisual e multimídia fazem-se presente de modo a facilitar a aprendizagem, tornando o processo mais desafiador, por um lado, e, por outro, sintonizado com a base sociotécnica de nossa sociedade, o que ativa matrizes culturais e abre perspectivas

para a EaD. Além das perspectivas, impõe desafios que colocam docentes em frente a diversas questões relativas à qualidade do ensino, às perspectivas dos estudantes quanto à modalidade educativa que estão conhecendo e de novas possibilidades pedagógicas para a prática docente.

Perspectivas e dilemas em EaD

Ao longo das considerações sobre as práticas realizadas, foi perceptível que os/as professores/as encaram a docência na EaD como um desafio, reconhecem suas potencialidades apontam as necessidades de melhoria e mostram-se em sua grande maioria comprometidos com seu processo de legitimação. Essas constatações foram identificadas pela forma entusiasta e ao mesmo tempo crítica e coerente como os/as professores/as se manifestaram, demonstrando e comprovando que os saberes experienciais são fundamentais para compreender o universo da docência e sua constituição e o reconhecimento do papel fundamental que as tecnologias desempenham no processo de mediação.

Dentre as diversas preocupações e desafios apontados pelos/as professores/as, pode-se destacar alguns, de caráter didático, como:

- a) organização de conteúdos e atividades significativos: os/as professores/as têm uma constante preocupação em relacionar os conteúdos e as atividades com a atualidade e com a futura área de atuação dos estudantes;
- b) promover uma maior autonomia dos estudantes: um dos dilemas que afligem os docentes na EaD é o nível de autonomia dos estudantes. Destacam a grande dependência e pouca iniciativa, atribuindo, dentre as diversas causas apontadas, os hábitos herdados do ensino presencial. Ampliar a participação dos alunos/as;
- c) garantir a qualidade do processo educativo, uma aprendizagem significativa.

Lidar com a cultura do ensino presencial, arraigada no imaginário dos alunos como referência, é um desafio para os/as professores/as que atuam na EaD. Quando se trata da postura autônoma do aluno, da autogestão de sua aprendizagem, vem à tona a dependência e a heteronomia.

Além da cultura do ensino presencial permear a EaD, ainda perdura uma série de estereótipos da concepção tradicional: o professor é aquele que expõe e cobra o conteúdo, dirige as atividades e avalia por meio de provas e testes.

Os papéis dos alunos e professores, tanto na EaD como no presencial, possuem aspectos comuns e peculiares, conferindo a cada modalidade uma dinâmica que não prescinde de estratégias de uma ou de outra, desde que inseridas no movimento de forma coerente e articuladas ao seu contexto.

Para alguns alunos, o fato de não ter aula na forma convencional e presencial leva-os a pensar que não precisam estudar. Essa postura, como a literatura demonstra (LITWIN, 2001), também é um reflexo do descrédito e da idéia de ensino de má qualidade com o qual a EaD ainda tem que lidar.

Outro aspecto a se considerar diz respeito à dependência do aluno da figura física do professor, como se não houvesse aula ou controle pelo fato de terem entre si uma distância, mesmo que mediada por recursos diversos. É compreensível essa reação dos alunos. Vive-se numa sociedade em que a imagem e presença do professor estão no imaginário coletivo em conjunção com gestos, olhares e falas.

Um dos desafios atuais da EaD hoje é construir um aparato pedagógico em que o aluno sinta-se participante, “vivo” no processo, mesmo não vendo os outros colegas e o espaço demarcado fisicamente; mesmo não tendo um horário fixo, predeterminado, sinta-se impelido a aprender de forma interativa e compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência na EaD contempla e constitui-se de diversos elementos articulados, demonstrando que não é uma ação hermética ou estática, ao contrário, está inserida num processo ativo, em constante movimento, num espaço repleto de elementos objetivos e subjetivos.

Em síntese, confirma-se que, tal como no ensino presencial, constrói-se uma identidade como aluno e como docente, identificando-se com papéis e funções sociais e historicamente construídos. Alunos e professores desenvolvem formas de relacionamento, de comunicação, de ensino e de aprendizagem diferentes do presencial, mas buscam a segurança e confiabilidade que têm ou tinham nele.

Para finalizar, apontam-se proposições e princípios que podem contribuir no processo de legitimação e aprimoramento da EaD, como: a) inserir tópicos voltados para atuação docente em diversos contextos, dentre eles na EaD, nos cursos de graduação de Pedagogia e Licenciaturas em geral; b) ampliar as pesquisas de caráter científico sobre EaD; c) revisar o processo de formação continuada para professores que atuam na EaD, de preferência que tenham a própria prática e outras experiências como objeto de análise e de redimensionamento; d) fortalecer o projeto político-pedagógico que norteia os

projetos e iniciativas de EaD com intensiva participação dos docente; e) formar profissionais capacitados no uso e crítica das TIC em processos educacionais; f) fortalecer e difundir práticas docentes que envolvam as TIC.

REFERÊNCIAS

FRANCIOSI, B. R. T.; MEDEIROS, M. F. de; COLLA, A. L. Caos, criatividade e ambientes de aprendizagem. In: MEDEIROS M. F. de; FARIA, E. T. (Org.). **Educação a distância: cartografias pulsantes em movimento**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 129-149.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Extensão ou comunicação**. Tradução de Rosisca D. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Dom Quixote: Lisboa, 1997. p. 93-114.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2003.

LITWIN, E. Das tradições à virtualidade. In: LITWIN, E. (Org.). **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 13-22.

MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 133-173.

PALLOF R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. **Porto Alegre: Artes Médicas Sul**, 2000.

_____. **Agir na urgência:** decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SARTORI, A. S. **Gestão da comunicação na educação superior a distância.** 2005. 267 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SARTORI, A.; ROESLER, J. **Educação superior a distância.** Gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e online. Tubarão: Unisul, 2005.

SOUZA, A. R. B. de. **Movimento didático na educação a distância:** análises e prospecções. 2005. 223 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

VEIGA, I. P. A. As dimensões do processo didático na ação docente. In: ROMANOWSKY, Joana P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. (Org.). **XII ENDIPE - Conhecimento local e conhecimento universal:** pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 57-81.

Recebido: 12/01/2008

Received: 01/12/2008

Aprovado: 25/03/2008

Approved: 03/25/2008